



Síndrome do Camelopardo

Quando chegaram à África, os romanos se depararam com um animal estranho que, por falta de um melhor nome, denominaram Camelopardo.

Na realidade tratava-se da Girafa, que acreditavam ser o cruzamento de um camelo com um leopardo.

O Camelopardo virou uma constelação próxima à Ursa Menor no céu setentrional, mas subsiste até hoje em nossa tecnologia na forma dos equipamentos de “última geração” que compramos frequentemente.

Vivemos em um mundo de modelos transitórios, onde a velocidade da mudança na tecnologia é tanta, que não há tempo para amadurecimento dos modelos existentes.

Os softwares e hardwares estão se tornando cada vez mais modulares e com interfaces de serviços para permitir o acoplamento de serviços e vendas associadas... o tão famoso ecossistema.



A tecnologia, seja ela hardware ou software, passou a ser uma porta para fidelização de clientes através de serviços agregados (tudo só funcionará bem, se produzidos pelo mesmo fabricante e se o serviço é oferecido pelo mesmo desenvolvedor de software).

Nesse meio, os resultados finais, frutos do cruzamento de um hardware e de um software que isoladamente até funcionam bem, quando reunidos acabam gerando camelopardos cuja operação irá se revelar cheia de surpresas como as telas azuis, resets, mensagens de erros (Non Sequitur), bloqueios que são apenas resolvidos com a retirada da bateria, etc...

Então, já que iremos ter que selecionar um ecossistema para trabalhar, tão importante quanto adquirir uma boa marca é conhecer como o fabricante dos equipamentos reage a essas situações de pós-venda. Se como Lebre (Lepus, outra constelação!), Tartaruga (Turtur) ou Avestruz (Ave-struthiu).

Por Attílio B. Veratti e Daniel Veratti